



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

FLÁVIA GABRIELLA FALCÃO TOSCANO RAMALHO

DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS:
O POLÍTICO E O RELIGIOSO EM *SELMA: UMA LUTA PELA IGUALDADE*

João Pessoa

2018

FLÁVIA GABRIELLA FALCÃO TOSCANO RAMALHO

DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS:
O POLÍTICO E O RELIGIOSO EM *SELMA: UMA LUTA PELA IGUALDADE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R165d Ramalho, Flávia Gabriella Falcao Toscano.

Deslocamentos Discursivos: o político e o religioso em
Selma: Uma luta pela igualdade / Flávia Gabriella
Falcao Toscano Ramalho. - João Pessoa, 2018.
35 f. : il.

Orientação: Amanda Braga.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso religioso. 2. Discurso político. 3. Direitos
civis americanos. 4. Deslocamento discursivo. I. Braga,
Amanda. II. Título.

UFPB/CCHLA

FLÁVIA GABRIELLA FALCÃO TOSCANO RAMALHO

DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS:
O POLÍTICO E O RELIGIOSO EM *SELMA: UMA LUTA PELA IGUALDADE*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras Português, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Amanda Braga (UFPB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis (UFPB)
(Examinadora)

Profa. Dra. Eliana Vasconcelos da Silva Esvael (UFPB)
(Examinadora)

Me. Wilder Kleber Fernandes Santana (UFPB)
(Examinador suplente)

AGRADECIMENTOS

A Deus, aquele que é o único digno de toda honra, louvor e adoração;

Aos meus amados pais, Flávio e Jacilda Ramalho, por terem acreditado em mim nos momentos em que não pude mais fazer, por acreditarem que sempre sou capaz de ir mais além. E acima de tudo, por terem me apresentado ao que tenho de mais precioso em minha vida: Jesus Cristo;

À minha querida, irmã Natália Ramalho, por sempre se fazer presente em minha vida dividindo as mais doloridas lágrimas e multiplicando os mais simples sorrisos;

À minha querida amiga Emília Tavares por dividir comigo o labor da graduação, por sempre me ouvir e motivar nos momentos de angústia e por tanto ensinar-me. Obrigada por sempre se fazer presente;

À minha orientadora, Amanda Braga, por ter me apresentando ao universo da Análise do Discurso, pela orientação que recebi desde do PIBIC, pela disponibilidade, pela motivação e pela paciência que teve comigo;

À professora Edjane Gomes de Assis, por ter dividido seu conhecimento em nossas reuniões do Observatório do Discurso e por ter aceito tão prontamente avaliar este trabalho como parte da banca examinadora;

À professora Eliana Vasconcelos da Silva Esvael, por se disponibilizar a avaliar este trabalho como parte da banca examinadora;

Ao amigo Wilder Kleber Fernandes Santana por se disponibilizar a compor a banca examinadora deste trabalho;

À minha família, por serem parte fundamental da minha vida, se sou o que sou foi pela presença de vocês;

Por último, a turma de Letras Português 2014.1, pelo companheirismo e união que tivemos durante esses anos de graduação, em especial as minhas queridas amigas Emily Gonçalves e Denice Rodrigues, foi um prazer ter dividido as muitas horas de conversa e as infinitas madrugadas de estudo com vocês.

RESUMO

Este trabalho teve a finalidade de realizar uma análise discursiva do filme *Selma: uma luta pela igualdade*, no tocante ao deslocamento do discurso religioso cristão para o campo político. Além disso, apresentou como o discurso religioso cristão, que foi historicamente utilizado com a finalidade de legitimar a violência contra os negros, também foi utilizado como mecanismo de resistência na luta por igualdade civil. O *corpus* que nos propusemos a analisar teve por tema a luta e os acontecimentos relacionados com o movimento negro no contexto que antecedeu a marcha para Selma. Nesse cenário, realizamos uma análise da materialidade fílmica articulando os enunciados com as memórias que emergiram. Para isso, apresentamos a dimensão histórica que compõe esses enunciados e utilizamos o quadro da Análise do Discurso, bem como a Semiologia Histórica proposta por Jean Jacques-Courtine, como aporte teórico e metodológico. Por meio desse trabalho constatamos que os discursos não são fixos, tampouco são fixas as práticas e verdades construídas por eles, assim como observamos como os movimentos realizados pela materialidade do olhar da câmera são de suma importância na produção de sentido e possibilitam que as memórias venham à tona.

Palavras-chave: Discurso religioso. Discurso político. Direitos civis americanos. Deslocamento discursivo.

RESUMEN

Este trabajo tuvo la finalidad de realizar un análisis discursivo de la película Selma: una lucha por la igualdad, en lo que se refiere al desplazamiento del discurso religioso cristiano al campo político. Además, presentó cómo el discurso religioso cristiano, que fue históricamente utilizado con la finalidad de legitimar la violencia contra los negros, también fue utilizado como mecanismo de resistencia en la lucha por la igualdad civil. El corpus que nos propusimos a analizar tuvo por tema la lucha y los acontecimientos relacionados con el movimiento negro en el contexto que antecedió a la marcha hacia Selma. En ese escenario, realizamos un análisis de la materialidad fílmica articulando los enunciados con las memorias que emergieron. Para eso, presentamos la dimensión histórica que compone estos enunciados y utilizamos el cuadro del Análisis del Discurso, así como la Semiología Histórica propuesta por Jean Jacques-Courtine, como aporte teórico y metodológico. Por medio de ese trabajo constatamos que los discursos no son fijos, tampoco son fijas las prácticas y verdades construidas por ellos, así como observamos cómo los movimientos realizados por la materialidad de la mirada de la cámara son de suma importancia en la producción de sentido y posibilitan que las memorias vengan a flote.

Palabras-clave: Discurso religioso. Discurso político. Derechos civiles americanos. Desplazamiento discursivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS E RELAÇÕES SEMIOLÓGICAS	7
1.1 BREVE HISTÓRIA DA AD E SEUS CONCEITOS BASILARES	7
1.2. SEMIOLOGIA E A AD	10
CAPÍTULO II – SELMA: DA HISTÓRIA AO FILME	14
2.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	14
2.2 A MARCHA	18
2.3 O FILME	19
CAPÍTULO III – ANÁLISE DA MATERIALIDADE FÍLMICA E DOS DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS	22
3. 1 O ENCARCERAMENTO.....	22
3.2 O IR E VIR DA MEMÓRIA.....	25
3.3 SIMILITUDES COM O DISCURSO BÍBLICO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, de modo geral, propomo-nos a analisar de que maneira estão postos e como se deslocam o discurso político e o discurso religioso no interior do movimento pelos direitos civis da população negra, na década de 60, nos Estados Unidos. De modo particular, interessa-nos analisar como os enunciados emergem e se relacionam com as memórias discursivas presentes em cenas do filme *Selma: uma luta pela igualdade*, da diretora Ava DuVernay – lançado em 2014 pela Plan B Entertainment – levando em conta a natureza sincrética do objeto de análise e sua dimensão histórica, assim como os aspectos da materialidade fílmica.

Para tanto, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa, particularmente aquela que deriva dos estudos de Michel Pêcheux e se apropria das discussões mais recentemente propostas por Jean-Jacques Courtine, uma vez que ela nos permitiu analisar as materialidades não verbais presentes em nosso *corpus*.

Iniciamos esse trabalho apresentando o contexto teórico e histórico no qual a Análise do Discurso surgiu. Buscamos mostrar como ela se constitui como uma disciplina de entremeios e, de maneira similar, tentamos apresentar como ocorre a articulação entre o sujeito, a história e discurso. Utilizamos dos principais conceitos da disciplina, quais sejam: discurso, enunciado e memória discursiva. Além disso, nos foram caras as contribuições de Courtine para desenvolver nossa análise, uma vez que forneceu uma nova perspectiva metodológica por meio da semiologia histórica.

Nos capítulos seguintes, buscamos reconstruir a dimensão história que culminou no principal evento retratado no filme: a marcha de Selma. Iniciamos apresentando o contexto histórico – tendo como ponto de partida a escravidão – e caminhamos até os fatores que proporcionaram a realização da marcha. Finalizamos essa etapa com uma breve apresentação do filme, levando em consideração tanto aspectos técnicos, quanto a conjuntura social no interior da qual se desenvolve a narrativa. Em seguida, apresentamos as análises, as quais buscaram articular o capítulo teórico ao temático.

Nosso objetivo, com este trabalho, foi apresentar como o discurso religioso cristão foi utilizado como ferramenta de legitimação da opressão entre os séculos XVII e XVIII e se deslocou, posteriormente, tornando-se instrumento de resistência na década de 1960. Para tanto, realizamos uma leitura descritiva do *corpus*, a fim de identificar como as nuances da materialidade fílmica se constituem como elementos significativos; bem como uma leitura interpretativa do *corpus*, na tentativa de fazer emergir as memórias que

sustentam sua produção de sentido, buscando as regularidades e deslocamentos presentes nos enunciados produzidos.

Tendo em vista o trabalho com a Análise do Discurso enquanto fundamentação teórica e metodológica, diante da natureza da própria disciplina, dedicámo-nos, aqui, a apresentá-la como mecanismo proporcionador de uma observação ampla do discurso, utilizando-se dos caminhos presentes na história como parte essencial para compreender os acontecimentos a serem analisados. A princípio, tivemos que o discurso é o movimento de sentidos:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2013, p.15).

De fato, o que se busca são as regularidades presentes na linguagem e a relação existente com a exterioridade. Como nos apresenta Orlandi (2013), o discurso relaciona “o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (2013, p.16), uma vez que essa relação não é homogênea, mas se adequa aos contextos históricos do momento em que determinados discurso encontram condições de emergência.

CAPÍTULO I – ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS E RELAÇÕES SEMIOLÓGICAS

1.1 BREVE HISTÓRIA DA AD E SEUS CONCEITOS BASILARES

No fim da década de 60, o Estruturalismo estava em seu auge: a Linguística, como ciência-piloto das Ciências Humanas, oferecia aos pesquisadores do campo as ferramentas necessárias para análise da língua dentro de uma perspectiva da estrutura formal, na qual a língua era apresentada enquanto um sistema de signos. Tratava-se de uma perspectiva de análise no formato proposto por Saussure (2006), o qual privilegiava a *langue* em detrimento da *parole*. Tal dicotomia tinha como base a ideia de que a *parole* era, segundo o autor, fortemente influenciada pelo sujeito, motivo pelo qual não podia ser tomada enquanto objeto de análise. Segundo Ferreira (2003, p. 40), o sujeito “era visto como um elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico”.

Paralelamente ao apogeu estruturalista, ao final da década de 60, surge a Análise do Discurso, fortemente influenciada pela onda revolucionária que se formou a partir das reivindicações estudantis: o ano de 1968 foi marcado por profundas transformações sociais. Na França, um grupo de estudantes da Universidade de Nanterre protestaram contra o decreto instituído pela reitoria sobre a proibição dos alunos do sexo oposto frequentarem os dormitórios. O que aparentava ser um caso isolado foi o marco inicial de toda uma geração ativista que lutava por ideais, os quais estavam além do acesso livre aos dormitórios. Realizavam-se críticas ao cotidiano e almejava-se uma revolução de consciência: “os estudantes lutavam ainda por grandes utopias e a tensão relacionava-se diretamente com a política” (MAZZOLA, 2010, p.23).

As manifestações daquele ano entraram em uma nova fase quando os intelectuais franceses aderiram ao movimento e passaram a teorizar sobre o contexto em que estavam. O movimento comunista ganhava força e muitos desses intelectuais faziam parte do partido, entre eles encontrava-se Jacques Lacan, Roland Barthes e Louis Althusser, revelando não apenas uma crise política, mas uma crise teórica. Nesse cenário, o projeto de uma análise dos discursos exigiu um processo de releitura de importantes teorias: o próprio Pêcheux fará uma releitura de Saussure, tendo em vista sua preocupação com a análise da língua; Lacan procederá à releitura de Freud, trazendo aos estudos do discurso uma concepção de sujeito, anteriormente excluída pelo Estruturalismo; e Althusser fará uma releitura das teorias marxistas, haja vista a necessidade de uma concepção de história

na análise dos sentidos produzidos pela língua. Essas releituras estão na constituição do campo e caracterizarão a Análise do Discurso como sendo uma disciplina de entremeios (FERREIRA, 2003).

Assim sendo, são essas releituras que farão retornar, aos estudos da língua, as duas noções as quais não foram privilegiadas por Saussure – tão obcecado pela *langue* – e, conseqüentemente, pelo Estruturalismo: o sujeito e a história. O Estruturalismo francês, nessa onda revolucionária, tem seus paradigmas superados, uma vez que o estudo da língua, anteriormente focado na estrutura da *langue* saussuriana, passa a valorizar e analisar a relação existente entre língua e história e sujeito, uma vez que o “discurso é entendido como a língua em funcionamento, operada por sujeitos na sociedade e na História” (GREGOLIN, 2011, p. 85).

Para a AD, o foco não é apenas a língua, embora ela seja de seu interesse, uma vez que materializa o discurso. Ela busca observar a língua como pertencente às esferas constitutivas do homem na história. Assim, como nos diz Orlandi (2013), entende-se que o discurso é a prática da linguagem, na qual há um constante movimento no que se refere ao sentido das palavras.

Nessa perspectiva, algumas premissas devem ser pontuadas. Primeiramente, afirma-se que o sujeito fala a partir de condições históricas de produção, as quais se relacionam com o cenário sócio histórico em que o sujeito está inserido. Assim, as condições de produção consistem na relação do sujeito com a situação em que o mesmo materializa um dado discurso. Além disso, é preciso estar atento ao fato de que todo discurso é relacionado com outro que o sustenta, assim como aponta para dizeres futuros. Como diz Orlandi (2013), o discurso não possui começo nem final definitivo, pois é visto como parte de um processo discursivo constante. E, por fim, deve ser observada a existência de relações de forças, que significam que o lugar de fala de um dado sujeito permitirá que ele enuncie determinados dizeres e que eles produzam significados de maneira distintas com base nesse lugar.

Segundo Orlandi (2013), a afirmação basilar para a AD é a compreensão de que a linguagem é opaca, impossibilitando assim uma relação transparente e linear entre ela, o sujeito e a história. Pela releitura do Marxismo proposta por Althusser, compreendeu-se que “há um real da história de tal forma que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2013, p.19), assim, temos a forma linguístico-histórica que permite que, por meio da articulação entre história e língua, ocorra a produção de

sentido. Nessa linha de estudos, não existe a separação da forma e do conteúdo, de tal modo que a língua não é apenas estrutura, mas “acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (ORLANDI, 2013, p.19).

O discurso nesse campo teórico não é algo estável, ele é marcado por essa constante movimentação da prática da linguagem, pois a “Análise de Discurso concebe a linguagem [discurso] como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2013, p.15). Por essa razão, é possível a existência de continuidades e deslocamentos na prática discursiva, assim, o texto para essa teoria é uma cadeia discursiva. Logo, para que as regularidades ou deslocamentos possam ser observados é preciso que o discurso esteja relacionado à sua exterioridade, uma vez que ele é formado no exato ponto de encontro entre a língua e a história

É nessa conjuntura que a AD surge como uma disciplina que teoriza a interpretação (ORLANDI, 2013), cujo propósito é compreender como enunciados produzem sentido para o sujeito, e por meio dele, em condições determinadas. Para isso, precisamos compreender que, na perspectiva do discurso, a memória é vista como interdiscurso. Ele irá compor a produção discursiva e permitirá que todo já-dito possa retornar com uma nova materialidade, constituindo, assim, o que chamamos de intradiscurso. Como nos apresenta Eni Orlandi, ao parafrasear Courtine:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. No interdiscurso, diz Courtine (1984), fala uma voz sem nome. (ORLANDI, 2013, p.33-34)

Assim, os discursos proferidos pelos sujeitos não são originais, uma vez que eles já existem e estão apenas esquecidos, logo, o que temos são discursos que preexistem historicamente. É mediante essa conexão com a história que os sentidos são produzidos socialmente e que eles significam.

Isto posto, observamos que o “sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2013, p.42). Em outras palavras, o que temos é que

determinado dizer só significará e só poderá ser dito se estiver inserido em condições específicas de produção, dentro de uma conjuntura sócio histórica dada, levando-se em conta, ainda, as posições ideológicas dos sujeitos. Segundo Pêcheux, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (1975, apud ORLANDI, 2013, p. 17). Desse modo, não temos um dizer do indivíduo, mas o local de fala de um sujeito interpelado pela ideologia. Entretanto, por meio das contribuições de Foucault à AD, percebemos que, mesmo o sujeito sendo interpelado pela ideologia, há a possibilidade de resistência, pois sem ela a história tenderia a permanecer a mesma.

1.2. SEMIOLOGIA E A AD

Em sua trajetória, a AD passou por transformações teóricas, principalmente no que se refere ao objeto de análise. Segundo Gregolin (2011), essa mutação do objeto é evidenciada a partir da obra de Michel Pêcheux, *O Papel da Memória* (1999), na qual as reflexões semiológicas de Barthes recebem uma proposta de releitura tendo em vista as transformações tecnológicas da década de 80 e seu reflexo na composição e na circulação dos discursos.

Com o fim da utopia comunista, que caracterizou e motivou a forma como a Análise do Discurso se constituiu em seus passos inaugurais, é possível perceber transformações na composição do discurso político, objeto primeiro da Análise do discurso, o qual deixava de ser exclusivamente verbal e passava a apresentar características marcadas por elementos não-verbais. A língua, que, segundo Courtine (2011), era chamada de *língua de madeira*, torna-se *língua de vento*, rodeada de uma volatilidade dificilmente constatada na forma tradicional de se fazer política. Courtine explica esse fato dizendo que se tratou

[...] das núpcias entre Marx e a Coca-Cola, para falar justamente da língua de vento daquela época. Certamente, trata-se de um recobrimento das discursividades políticas tradicionais pelas formas breves, vivas e efêmeras do discurso publicitário. Elas dotavam a fala pública de uma volatilidade da qual as línguas de madeira estavam, sem dúvida, desprovidas (COURTINE, 2011, p. 147).

As campanhas políticas, que anteriormente eram fundamentadas em panfletos, sofrem metamorfose, tornando-se verdadeiras campanhas publicitárias, e com elas surge

uma nova maneira de se produzir o discurso, agora heterogêneo e pensado como acontecimento, abrindo espaços para que outras materialidades discursivas sejam analisadas. Na obra *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983), Pêcheux resgata outras materialidades do discurso e a AD, que era uma teoria semântica, gradativamente irá se aproximar da semiologia, permitindo a análise do campo não verbal.

O discurso heterogêneo concebe a imagem como um objeto de análise que será fortalecido principalmente com a presença das mídias e tecnologias audiovisuais, refletindo a “necessidade de explorar o funcionamento e a forma como significam as imagens na contemporaneidade” (BRAGA, 2012, p.387). Dessa maneira, a Semiologia Histórica apresentada por Courtine (2008, 2009 apud BRAGA, 2012) permitirá à AD a análise de textos com distintas materialidades.

No decorrer das transformações que a AD sofreu, percebemos que as discussões apresentadas por Pêcheux se aproximaram dos estudos de Michel Foucault, no tocante a sua proposta arqueológica, segundo a qual o enunciado se constitui como a unidade primária do discurso. Nesse ensejo, Foucault nos apresentará que:

Em seu modo de ser singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material) o enunciado é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem. [...] ele não é, em si mesmo, uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2008 apud NASCIMENTO, 2015, p. 574).

Ao pensar o enunciado como uma função, Foucault acentua as diferenças entre ele e outras unidades – frase, proposição, atos de fala – e marca como os estudos lingüísticos posicionaram o enunciado em um lugar à margem de suas análises (GREGOLIN, 2004). Ele se caracteriza por ser um conjunto de signos, os quais se articulam em um nível enunciativo, estabelecendo, assim, uma relação entre o sujeito, a história e a materialidade do enunciado. A partir das constatações de Foucault, Gregolin irá dizer que o enunciado possui natureza semiológica (GREGOLIN, 2011).

Jean-Jacques Courtine (1981; 2004; 2006 apud GREGOLIN, 2011), tomando como ponto de partida a perspectiva arqueológica de Michel Foucault, pensou a semiologia a partir de sua natureza histórica, abordando o acontecimento por meio de suas temporalidades (GREGOLIN, 2011), uma vez que eles já existem e emergem ao longo da história. Isso permitiu o alargamento do campo teórico ao utilizar uma nova

concepção de semiologia. Ela tinha como objetivo devolver ao discurso sua dimensão histórica e levar em conta, no momento da análise, o caráter sincrético que compõe o enunciado, oferecendo à AD um dispositivo analítico que lhe permitisse analisar os textos sincréticos. Essa perspectiva metodológica foi denominada *semiologia histórica*.

Assim, nesse ínterim, devido às transformações tecnológicas da década de 80, fez-se necessário articular discursos, imagens e práticas, uma vez que o discurso político que surgia na época estava indissociável das práticas não verbais. A imagem passa, assim, a receber um tratamento central, tendo em vista que uma análise estritamente verbal não seria capaz de alcançar a produção de sentido do discurso. Acerca disso, Courtine afirma que:

[...] A transmissão da informação política, atualmente dominada pelas mídias, se apresenta como um fenômeno total de comunicação, representação extremamente complexa na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais, em que o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, em que a expressão pela linguagem se conjuga com a expressão do rosto, em que o texto torna-se indecifrável fora de seu contexto, em que não se pode mais separar linguagem e imagem (COURTINE, [1992] 2006, p. 57, apud, BRAGA, 2013, p. 387).

Por essa razão, pensar a materialidade como algo estritamente verbal não era mais pertinente à AD, ela é heterogênea bem como seus suportes, capaz de se expandir pelas materialidades não verbais fixas e em movimento. Entretanto, a materialidade não é completamente livre em nossas mãos. Milanez (2012) nos apresenta que os corpos, por serem um tipo de materialidade, têm aquilo de que o enunciado precisa para existir, ou seja, “uma substância, um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2010 apud MILANEZ, 2012, p.10). Além disso, cada materialidade está sujeita às particularidades de seu suporte: nas imagens móveis que formam um filme, por exemplo, temos como principal materialidade o olhar da câmera que determina o que vemos e a forma como vemos, uma câmera que se torna a extensão de um corpo cujo sujeito vê o mundo através do enquadramento de uma lente.

o corpo, portanto, é o centro fulcral da produção das imagens, que não podem existir por si só e necessitam do corpo como o *medium* para seu armazenamento, produção e transformação. Transformação, enquanto deslocamento entre e a partir de lugares, pressupõe o inevitável: mover-se. (MILANEZ, 2011, p.37)

Desse modo, compreendemos que os corpos são a força motriz para existência das imagens, uma vez que são geradas por meio deles, além de serem os corpos sua fonte de armazenamento. Diante disso, observamos a necessidade de utilizarmos o conceito proposto por Courtine ([1981] 2009, apud, BRAGA, 2013), de memória discursiva. Para ele, essa noção consiste em compreender que na medida em que os enunciados são proferidos, são estabelecidas associações em nossa memória com uma série de outros enunciados que coexistem com o enunciado que está sendo dito. Esse aspecto ocorrerá não apenas diante dos enunciados verbais, mas nas distintas materialidades do discurso, entre elas, o discurso imagético, do qual decorre a noção de intericonicidade. Esta noção foi apresentada por Courtine em entrevista concedida aos organizadores do II CIAD¹, o qual afirma que:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, em Foucault; mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário. (COURTINE, 2011, p.160)

Courtine apresenta a relação que se estabelece entre as imagens externas ao sujeito — uma vez que fazem parte de uma cultura visual — e aquelas que são internas — por fazerem parte da memória desse sujeito — e como elas fazem com que outras imagens sejam rememoradas. Dessa forma, nos utilizaremos das discussões referentes às novas materialidades discursivas, bem como da noção de intericonicidade, para fundamentar as análises de uma materialidade iconográfica.

¹ II Colóquio Internacional de Análise do Discurso – UFSCar (2009)

CAPÍTULO II – SELMA²: DA HISTÓRIA AO FILME

2.1 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Compreendemos que a AD é uma disciplina que intervém no cenário social no qual está inserido, bem como proporciona uma reflexão diante das lutas sociais que surgem e reconstroem sua dimensão histórica com a finalidade de apresentar as continuidades e as descontinuidades presentes no discurso público.

Por essa razão, temos como objetivo, nesse capítulo, reconstruir essa dimensão histórica que nos conduzirá ao nosso *corpus*, com a finalidade de apresentar as influências históricas que contribuíram para a realização da caminhada de Selma na luta por Direitos Civis americanos. Apresentaremos como o discurso racista foi historicamente construído, e como a luta por Direitos Civis representada em nosso *corpus* foi um discurso de resistência atravessado pelo discurso judaico-cristão.

Para tanto, observamos que a relação entre os negros americanos e o cristianismo é anterior à luta por Direitos Civis. Com a chegada dos primeiros escravos às colônias inglesas, atual EUA, nos deparamos com a primeira interferência do cristianismo. Se instalou entre os colonizadores o conflito sobre a legitimidade ou não da escravidão (PACHECO, 1983): enquanto uma minoria inglesa respaldada em um cristianismo bíblico nega a legitimidade da escravidão, uma maioria esmagadora, conduzida pela ganância, deturpava o princípio cristão de que todos são iguais diante de Deus e afirmava a legitimidade da escravidão. Dessa forma, conduzida por uma economia sustentada por um sistema de latifúndios, a escravidão foi adotada como principal fonte de mão de obra pelos estados do Sul, enquanto o Norte, por ter sua economia voltada para o comércio, não possuía de forma tão expressiva a mão de obra escrava. Com o isso, os estados do Norte e do Sul entraram em um crescente conflito fundamentado em questões econômicas em relação à escravidão. Tal conflito culminou na *Guerra de Secessão* (PACHECO, 1983).

Os estados nortistas foram os primeiros a abolirem a escravidão, entretanto, isso não significou uma afeição à população negra por parte dos habitantes do Norte. O que

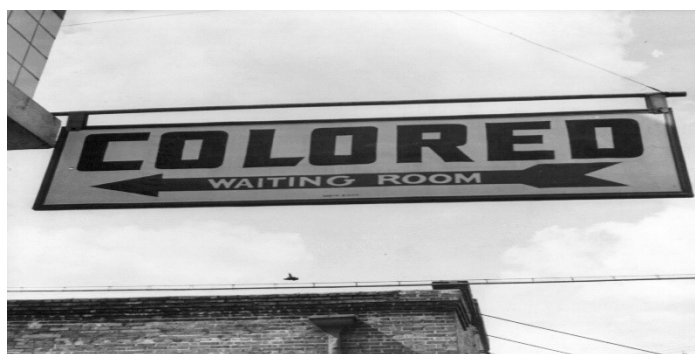
² Cidade localizada no estado do Alabama, no condado de Dallas, EUA.

se viu, segundo Pacheco, foram leis que “privaram os negros libertos do direito ao voto; além disso, sua liberdade de movimento foi por várias medidas, como, por exemplo, a que lhes proibia utilizar os bondes de tração animal” (1983, p.43), o que ia diretamente de encontro com à Declaração da Independência Americana, segundo a qual:

Consideramos como evidentes essas verdades, a saber, que todos os homens nascem iguais; que o seu Criador os dotou com certos direitos inalienáveis, entre os quais se contam a vida, a liberdade e a consecução da felicidade; e que, para proteger estes direitos, o governo foi instituído entre os homens. (apud, PACHECO, 1983, p. 42)

Durante a Guerra de Secessão, lutas a favor do fim da escravidão no Sul resultaram na abolição. Entretanto, semelhantemente ao Brasil, não houve interesse da população branca de que os negros libertos participassem da vida política, o que fez com que o Governo Federal Americano intervisse e determinasse que os negros deveriam ter direito ao voto. Como forma de resistência a essa determinação do governo federal, surgiram grupos, como o Ku Klux Klan³, que buscavam impedir que os negros exercessem seus Direitos Cívicos.

Quase um século após a Guerra de Secessão, em meados dos anos de 1960, a comunidade negra norte americana ainda lutava por seus Direitos Cívicos, para fazer valer o princípio da igualdade de todos os homens e pelo fim da segregação racial.



Fonte: <http://loc.gov/pictures/resource/cph.3b22541/>⁴

³ KKK- Organização racista secreta que nasceu nos EUA com a finalidade de impedir a integração social dos negros recém libertos. A organização existe até os dias atuais e possui como alvo não apenas negros, mas estrangeiros e homossexuais.

⁴ Tradução nossa: Sala de espera para pessoas de cor

Pacheco (1983) nos apresenta que, em 1954, a Associação Nacional para o Progresso dos Negros apresentou aos tribunais, apelações judiciais que visavam a dessegregação das escolas públicas, entre elas o caso *Brown versus a Junta de Educação de Topeka*⁵, em que se afirmava que a separação de escolas para brancos e negros violava o princípio de igualdade entre os homens, e por essa razão as medidas judiciais deveriam ser aplicadas, conforme vemos na citação abaixo:

[...] onde as pessoas efetivamente viviam, distrito por distrito, ano por ano, as crianças negras tentando entrar em escolas anteriormente só para brancos eram agora empurradas, cuspidas e xingadas por multidões cruéis que as teriam matado se a Guarda Nacional não estivesse ao seu lado (GREIL MARCUS, 2010, p.29 apud AMARAL, 2014, p.186)

Entretanto, por mais que existissem as garantias jurídicas em favor da comunidade negra, na prática, o que se tinha era a resistência dos brancos que, acreditarem ser a raça superior, se mantinham à favor da segregação (AMARAL, 2014), utilizando mecanismos de intimidação, além de recorrer à retirada das crianças brancas das escolas públicas para particulares, quando não a sua destruição por meio da demonstração da violência.

Em oposição aos insucessos na rede de ensino, a população negra alcançou com êxito a dessegregação nos transportes públicos. Entre os anos de 1955 e 1956, na cidade de Montgomery, Alabama, ocorreu o boicote aos ônibus, após a senhora Rosa Parks ser presa por recusar-se a sair de seu lugar e dirigir-se à parte de trás do ônibus. O boicote foi organizado em uma Igreja Batista, na qual Martin Luther King Jr. era pastor. Esse acontecimento fez com que o reverendo ganhasse fama e destaque na luta pelos direitos civis, além de desencadear “uma longa série de esforços para dessegregar os transportes públicos, as escolas e os locais de hospedagem pública em todo o sul” (BOWEN E BOK, 2004, p. 35-36, apud, ALMEIDA, 2014, p.186).

No ano seguinte, em 1957, foi criada a Conferência da Liderança Cristã do Sul – SCLC⁶, que tinha King como seu líder. O movimento era pautado na não violência: mais do que apenas uma forma de luta, a prática da não violência era o cerne dessa frente.

⁵ Brown v. Board of Education of Topeka (Pacheco, 1983, p.55)

⁶ Southern Christian Leadership Conference - SCLC

Poucos anos depois, em 1 de fevereiro de 1960, o cenário de luta já estava montado, quando quatro alunos universitários não foram atendidos em uma lanchonete por serem negros e permaneceram sentados no estabelecimento até que ele fechasse. A prática dos protestos sentados se espalhou rapidamente pelos estados do Sul e em pouco tempo jovens brancos e negros “sentavam-se em bibliotecas de brancos, entravam na água em praias de brancos e dormiam no saguão de hotéis de brancos” (FRANKLIN e MOSS, 1989, p.456). É certo que muitos foram presos, mas a ação fez com que estabelecimentos, em várias cidades do Sul, abrissem suas portas, e junto com eles, outras conquistas passaram a fazer parte da vida da comunidade negra.

A década de 1960 foi marcada pela forte presença de grupos civis que lutavam por seus direitos: os chamados “Movimentos negros” foram os que mais se destacaram (ALMEIDA, 2014), pois buscavam entre tantas lutas a igualdade racial e a autossuficiência política. Além do movimento liderado por King, outras frentes de luta existiam, entre elas estavam os liderados por Malcom X e os radicais Panteras Negras. Mais do que apenas o apoio da população negra ao movimento, havia o envolvimento dela, que foi expresso por meio da “Marcha Sobre Washington por Empregos e Liberdade”, realizada em 29 de agosto de 1963, que reuniu aproximadamente 250 mil pessoas, incluindo grupos religiosos protestantes, católicos e judeus, além de lideranças negras e brancas (GONÇALVES; SILVA, 2000, p. 39; MOEHLECKE, 2000, p. 25 apud ALMEIDA, 2014, p. 186).



Fonte: <http://www.marines.mil/unit/mcasiwakuni/PublishingImages/2010/01/KingPhoto.jpg>

A existência de múltiplas frentes de luta possibilitou o estabelecimento de interações entre o governo e os defensores dos direitos civis. Como fruto dessa interação, a recém-criada Comissão de Direitos Civis constatou que em várias cidades do Norte e do Sul, entre elas Selma, o direito ao voto estava sendo negado regularmente por funcionários racistas, o que fez com que a Corte Suprema fortalecesse a lei por meio de um novo projeto sobre os direitos civis que visava impedir as ações evasivas dos escrivães. Para tanto, a lei exigia que os documentos deveriam ficar à disposição do procurador-geral, além de punir aqueles declarados culpados por danificarem igrejas e outros prédios. O principal objetivo do movimento por direitos civis era uma legislação civil - o *Civil Rights Act* (1964) e o *Voting Rights Act* (1965) - com o propósito de desmontar a estrutura legal que negava o direito ao voto e admitia a segregação aos negros. (ALMEIDA, 2014)

2.2 A MARCHA

Foi nesse cenário que a marcha de Selma a Montgomery aconteceu. Contudo, devido à forte influência do cristianismo na vida de Martin Luther King, esse fato está articulado com as memórias discursivas cristãs, uma vez que a marcha ocorre em diferentes momentos da história do povo hebreu, conforme retratado na bíblia. De modo particular, apresentaremos a marcha que ocorreu do Egito a Canã, e a que ocorreu em torno da cidade de Jericó.

O livro de Êxodo retrata o período no qual o povo hebreu foi escravizado pelos egípcios, e como Moisés foi levantado como o libertador desse povo. Assim como, às negociações entre o líder hebreu e o Faraó em busca de uma saída pacífica do Egito, observamos, nessa narrativa, como eles foram libertos por meio da intervenção divina, sem precisar utilizar a força física do povo, e como saíram em marcha rumo à terra de Canã, a qual está relacionada com sua libertação. Posteriormente, no livro de Josué, observamos como os hebreus, agora libertos, marcharam em volta das muralhas de Jericó, com a finalidade de derrubar o obstáculo que os impedia de conquistar a terra prometida de Canã.

Assim, constatamos, ainda que brevemente, que a marcha para os hebreus e para a tradição cristã está relacionada com a liberdade e a conquista. Por essa razão, Luther

King se utiliza da prática da marcha com o propósito de legitimar a prática política que se articulava no ano de 1965.

Até janeiro desse mesmo ano, o movimento estava em processo de organização, no qual era estimulado aos negros se registrarem enquanto planejavam a caminhada, mas em fevereiro daquele mesmo ano, após a morte do militante Jimmie Lee Jackson por um policial, os repensáveis pelo movimento na cidade decidiram que, no dia determinado pelo condado e pelo estado do Alabama para registro eleitoral, aconteceriam assembleias na Igreja Metodista Episcopal Africana de Brown e caminhadas para o tribunal. Nesse dia, cerca de 3 mil pessoas foram presas na cidade de Selma e Marion, entre elas o reverendo King.

No dia 07 de março, foi organizada a primeira tentativa de marcha sobre a ponte Edmund Pettus, que ficou conhecida como Domingo Sangrento, pois os 600 manifestantes que ali estavam foram atacados por policiais que utilizavam, além dos cassetes, gás lacrimogênio para combater uma marcha pacífica. Dois dias depois, uma segunda marcha foi organizada, dessa vez contava com a participação de Luther King, que de forma incisiva pediu que se mantivesse a prática da manifestação pacífica. Entretanto, essa tentativa também não se concretizou, pois, o reverendo temia uma emboscada. A terceira tentativa foi marcada pela presença de representantes de diferentes credos, protestantes, católicos, judeus e brancos estavam lado a lado para lutar contra as injustiças que os negros enfrentavam no Alabama e nos estados do Sul. Em 16 de março, acontecia a marcha de Selma a Montgomery com duração de oito dias que deu força para “o presidente Johnson passar a lei de direito ao voto no congresso. No dia 6 de agosto de 1965, Lyndon sancionou a lei” (BASTOS; VERAS; CAVALCANTI, 2015, p.06).

2.3 O FILME

Após mais de 50 anos da marcha de Selma a Montgomery, o som de macha de centenas de pessoas que lutavam pela liberdade ainda ecoa em nossos ouvidos, como som de tambores que anunciam uma batalha que está longe de chegar ao seu fim, pois as lutas da comunidade negra ainda estão a nossa volta.

Em novembro de 2014, estreava, no festival do Instituto Americano do Cinema⁷, o filme *Selma: Uma luta pela igualdade*, uma cinebiografia do reverendo e líder ativista Martin Luther King apresenta os principais acontecimentos que antecederam a marcha a qual partiu da cidade de Selma à capital do estado do Alabama, Montgomery, compondo assim todo o cenário por trás da marcha.

Selma: Uma luta pela igualdade se inicia com Martin Luther King se preparando, juntamente com sua esposa Coretta King, para receber o prêmio Nobel da Paz, em 1964, decorrente da sua luta pelos direitos da comunidade negra, que culminou no pronunciamento de seu discurso mais famoso: *I have a dream*. O filme seguirá, de forma predominante, uma narração linear, no entanto nos primeiros minutos, uma única cena quebra sua linearidade ao sobrepor a voz de King a cena da explosão da Igreja Batista de Birmingham que foi anterior a sua premiação.

A partir dessa cena, o filme mantém a sequência linear, na qual apresenta a dificuldade enfrentada por Annie Lee Cooper, como uma personagem representativa da dificuldade dos negros em conseguir se cadastrar para votar, bem como as conversas de Luther King com o presidente Lyndon B. Johnson que antecederam a ida a cidade de Selma. Outro aspecto abordado no filme é a tensão que se estabelece entre King e Coretta decorrente das constantes ameaças sofrida pela família, observa-se no filme, ainda que de forma secundária, a utilização dessas ameaças como uma ferramenta para atingir Martin Luther King.

Todavia, o principal aspecto destacado no filme *Selma* são os acontecimentos que ocorrem na cidade antes da marcha. São abordados desde da visita da SCLC e o primeiro discurso de King na cidade de Selma, bem como os encontros entre SCLC com os estudantes do Comitê Estudantil da Não-Violência, a morte do militante Jimmie Lee Jackson e seguidas tentativas de realizar a marcha que foram impedidas com violentas repressões.

O roteiro do filme foi escrito originalmente por Paul Webb e, segundo o Huffpost (2017), focava nas questões do então presidente Lyndon B. Johnson e nas articulações políticas de Washington relacionadas aos direitos civis. “Segundo DuVernay e outros que trabalharam no filme, a diretora fez alterações substanciais no roteiro” (FALLON, 2017,

⁷ American Film Institute

p. 02), transferindo o foco para o líder negro Martin Luther King e outros ativistas negros, devolvendo o protagonismo da luta àqueles que de fato a possuem.

A direção foi realizada por Ava DuVernay, que rompeu as barreiras da indústria filmica ao ser a primeira diretora negra a ser indicada ao Globo de Ouro⁸ e ao Oscar⁹ de melhor filme, entrando definitivamente para a história do cinema. *Selma* foi produzido pela Plan B Entertainment com a duração de 128 minutos e teve na equipe de produtores Dede Garen, Jeremy Kleiner, Chistian Calson e Oprah Winfrey que também fez parte do elenco interpretando Annie Lee Cooper, junto com David Oyelowo (Martin Luther King), Carmen Ejogo (Coretta King), Colman Domingo (Ralph Abernathy), Andre Holland (Andrew Young), Omar J. Dorsey (James Orange), Tessa Thompson (Diane Nash) e Lonnie Lynn (James Bevel). Além da indicação de melhor filme, *Selma* também concorreu na categoria melhor canção, com a música *Glory* de John Stephens e Lonnie Lynn, na qual ganhou a premiação.

⁸ Golden Globe Awards – Premiação entregue anualmente aos melhores profissionais do cinema e da televisão dentro e fora dos Estados Unidos.

⁹The Academy Awards – Principal prêmio no seguimento cinematográfico entregue pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

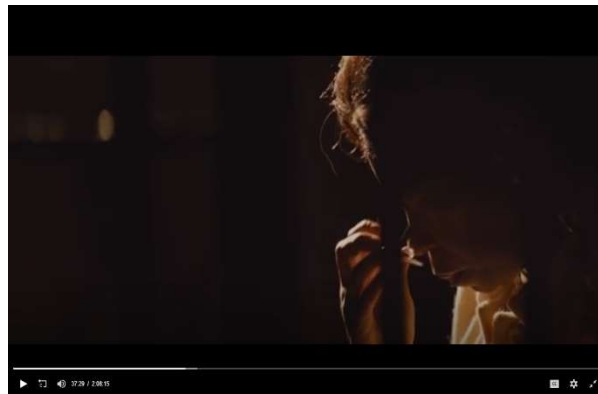
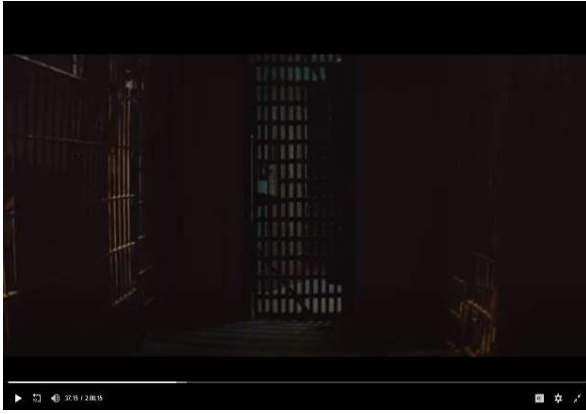
CAPÍTULO III – ANÁLISE DA MATERIALIDADE FILMICA E DOS DESLOCAMENTOS DISCURSIVOS

3. 1 O ENCARCERAMENTO

Compreendemos que a Análise do Discurso, com base semiologia histórica, se propôs a analisar novas materialidades. Desta forma, analisamos o discurso fílmico em *Selma*, presente em duas sequências específicas: a primeira delas é o cárcere de King e seus companheiros após se destinarem ao tribunal da cidade de Selma na tentativa de realizar o cadastramento eleitoral da população negra da cidade; e a segunda é o pronunciamento de King após a realização da marcha. Em ambas as cenas, buscamos observar a presença do discurso cristão, bem como o deslocamento do mesmo, para o campo político, assim como as memórias discursivas presentes.

A análise da imagem em movimento é uma proposta relativamente nova e por essa razão utilizaremos como ponto de partida a materialidade do olhar da câmera, como nos apresentou Milanez (2012): um olhar que determina o que vemos e a forma como vemos. Diante disto, buscaremos apresentar como os elementos de iluminação, ângulo e movimentação são significativos na produção de sentido. Para tanto, faz-se necessário narrar os acontecimentos que antecederam a cena que analisaremos.

Após a chegada de Martin Luther King em Selma, a liderança dos estudantes do Comitê Estudantil de Não violência e a SCLC se reúnem e decidem que o lugar para realizar a manifestação pacífica é o tribunal de Selma, uma vez que a segregação naquela cidade se materializava de forma mais expressiva quanto a proibição dos negros votarem. Diante disso, um grupo se reúne na porta do tribunal, e eles são acusados pelo xerife Jim Clark de estarem bloqueando a rua deliberadamente. Nesse momento, os manifestantes estão ajoelhados em posição de rendição, no entanto, um idoso apresenta dificuldades para se ajoelhar, o que resulta em sua agressão por parte do xerife e como consequência, há uma agitação e prisão dos manifestantes, seguidas pelo pronunciamento do governador do Alabama. Após esses fatos, nos deparamos com os fotogramas a seguir:



Fonte: <https://www.pipocao.com/assistir-selma-legendado-online-1080p-brrrip/>

Nesta sequência, podemos perceber a materialidade da câmera fazendo um movimento de *travelling frontal*¹⁰, no qual ela recua revelando o corredor de acesso às celas e o plano geral do ambiente da prisão. Diante da configuração do espaço prisional, é utilizado o *travelling lateral*¹¹ para direita, o qual revela os sujeitos ali presentes, seguido de *big-close*¹² lateral de Amelia Boyton, uma das líderes do movimento. Essa sequência faz com uma série de outras imagens sejam lembradas, principalmente as imagens decorrentes das narrativas do *O livro dos Mártires*¹³, ao retratar como os cristãos foram perseguidos e aprisionados antes de serem abatidos nas arenas romanas, assim

¹⁰ Consiste no movimento realizado pela câmera quando está na mão do operador e não se limita aos enquadramentos permitidos apenas por seu eixo, normalmente eles se encontram sobre um carrinho ou uma grua, na direção frontal, podendo ser de recuo ou de aproximação.

¹¹ Consiste no movimento realizado pela câmera quando está na mão do operador e não se limita aos enquadramentos permitidos apenas por seu eixo, normalmente eles se encontram sobre um carrinho ou uma grua, deslocando-se para direita ou para esquerda.

¹² Consiste no enquadramento da figura humana dos ombros para cima.

¹³ FOXE, John. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

como o aprisionamento de Daniel na cova dos leões¹⁴. Isso ocorre pois, segundo Courtine (2011), existem uma série imagens que são internas ao sujeito que se relacionam a imagens externas, recebendo o nome de intericonicidade.

Outro aspecto que observamos é a iluminação: o ambiente é escuro, o que impossibilita identificar a face dos manifestantes presos. Este apagamento da identidade está para além do jogo de luz, tendo em vista que os negros americanos foram historicamente ignorados por uma massa branca que os oprimiu ao seu bel-prazer. É interessante observar que o único rosto identificável até o momento é o de Amelia Boyton, essa identificação relaciona-se com a força que o Movimento por Direitos Civis possui, atribuindo uma identidade de resistência diante da comunidade branca. Vejamos outras sequências:



Fonte: <https://www.pipocao.com/assistir-selma-legendado-online-1080p-brrip/>

Na sequência seguinte, temos no primeiro plano a materialidade da câmera fazendo um movimento panorâmico e enquadrando em *close up*¹⁵ frontal o rosto de Martin Luther King, o qual é marcado pelo cansaço e pela tensão, uma vez que observamos a contração de sua frente, o ambiente escuro e a sombra que se forma em seu rosto devido à luz solar que incide por trás do protagonista, a tal ponto de dificultar a visualização de sua face. Esse cenário prepara o expectador para o diálogo que se segue, no qual King reflete sobre as lutas do movimento e questiona se elas são, de fato, válidas, uma vez que ainda há muitos motivos para lutar, e revela a seu companheiro de cela que

¹⁴ Bíblia Sagrada, Livro de Daniel, capítulo 6

¹⁵ Consiste na aproximação da câmera de tal modo que o objeto ocupa quase todo cenário sem deixar grandes espaços a sua volta. Esse plano é considerado como um plano de intimidade e expressão.

está cansado. No segundo plano, temos o ministro Ralph Abernathy, companheiro de cela do reverendo King, enquadrado em *big-close* e com as feições igualmente tensas, recebendo a iluminação externa diretamente em seu perfil, o que torna suas feições mais nítidas do que a do reverendo. A iluminação que o ministro recebe vem acompanhada de sua fala marcada pelo encorajamento destinada ao seu companheiro, diante da amargura apresentada.

3.2 O IR E VIR DA MEMÓRIA

Antes de analisarmos o diálogo construído entre os personagens, é possível perceber o modo como as sequências analisadas fazem emergir memórias discursivas próprias do discurso cristão, especificamente da ocasião em que Paulo e Silas são presos por estarem propagando costumes diferentes dos aceitos pela sociedade Romana. Sobre esta ocasião, o livro de Atos, em seu cap. 16, versículo 25 diz: “Por volta da meia-noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus; os outros presos os ouviam” (NVI)¹⁶.

O que faz com que essa memória, entre tantas outras, venha emergir, é o fato de que a fala apresentada pelo xerife Clark para acabar com a manifestação pacífica inclui uma solicitação para que os negros usem a porta dos fundos e eles se negam, indo também de encontro aos costumes da época. É certo que as condições de emergência desses dois enunciados são distintas, mas é certo também que, tanto no caso da prisão de Paulo e Silas, quanto no caso da prisão de King, estava presente uma tentativa de transformar os costumes próprios de uma dada sociedade, a qual resultou em repressão. Além disso, isto é, além das razões que motivaram as prisões, um outro aspecto que permite que essa memória retorne é o fato de que, enquanto estão presos, Paulo e Silas recorrem à prática da oração e adoração, e o reverendo King juntamente com o ministro Abernathy se utilizam de passagem bíblicas para gerar conforto.

Desta forma, temos uma regularidade tanto das práticas repreensivas, quanto da adoção do discurso cristão para persistir, ainda que presos (pelo direito de pregar o evangelho, no primeiro caso, e pelo direito à igualdade, no segundo). Nesse sentido, o que temos são dois enunciados que, apesar de virem à tona de diferentes momentos

¹⁶ Tradução da bíblia: Nova Versão Internacional

históricos, estão ligados por “um fio tênue, mas tenaz, que atravessa e tece a teia das palavras e das imagens” (COURTINE, 2013, p. 24). Esse fio é, em suma, a memória discursiva.

Passando adiante, com a finalidade agora de analisar o diálogo entre os personagens e o modo como a passagem bíblica é citada, transcreveremos o diálogo abaixo:

ABERNATHY: Johnson recuará.

KING: Estou cansado, Ralphy. Estou cansado disso.

ABERNATHY: Olho no prêmio, Martin.

KING: Sim, mas qual é o prêmio, amigo? Nós lutamos para nos sentarmos à mesa que quisermos. De que adianta um negro poder comer numa lanchonete, se não ganha o suficiente para pagar o sanduíche? Ou pior ainda, não consegue nem... ler o cardápio porque não há escolas para negros em sua cidade. O que é isso? É igualdade?

ABERNATHY: Amém.

KING: E na nossa mente? Igualdade na psique do negro. Veja só esses homens. Surrados e arruinados há gerações. Decidindo exigir mais? O que acontece quando um homem se levanta e diz que basta? Veja Medgar. Assassinaram o homem na entrada da própria garagem. Filhos e esposa bem ali dentro de casa.

ABERNATHY: George e Herbert Lee, Lamar Smith.

KING: Um homem se levanta, só para ser abatido. E o que acontece com as pessoas que ele liderou? O que estamos fazendo, Ralphy?

ABERNATHY: Vamos fazer aos poucos. Como sempre fizemos. Construímos o caminho como podemos. Pedra por pedra.

KING: Esta cela deve estar grampeada.

ABERNATHY: (Risos) Deve estar. (Risos) Ah, Senhor.

KING: Eles vão me arruinar para poder arruinar o movimento. Vão sim.

ABERNATHY: “Vejam os pássaros voando... que não precisam semear, colher ou armazenar... pois é o Pai Celestial quem os alimenta. Vocês não têm bem mais valor que eles? E quem de vocês ao se preocupar, pode adicionar uma única hora à sua vida?”

KING: Mateus 6, versículo 27.

ABERNATHY: Muito bem.

(Diálogo extraído do filme *Selma: Uma luta pela igualdade*)

Como vimos, o discurso para a AD não é algo estável, mas é marcado pela constante movimentação da prática de linguagem, permitindo a existência de

continuidades e deslocamentos na prática discursiva. Na transcrição apresentada, constatamos o desenvolvimento de um diálogo pautado nas questões políticas e econômicas, no entanto, deparamo-nos com a citação bíblica que provoca no expectador uma dupla interpretação. O texto de Mateus 6:27 fala sobre a confiança em Deus na perspectiva da vida do sujeito, entretanto, ao ser apresentado nesse diálogo, conduz-nos a compreendê-lo como algo atrelado ao movimento.

Na sequência analisada, constatamos que há uma descontinuidade na utilização do discurso religioso, uma vez que, segundo Pacheco (1983), no início da escravidão negra norte americana, uma maioria inglesa utilizava-se de um discurso sobre a bíblia com a finalidade de legitimar uma posição política/econômica a favor da escravidão. Já no filme, o discurso cristão é mais uma vez usado, agora para reforçar uma ideia política de resistência, uma vez que o personagem Ralphy Abernathy utiliza o texto presente no evangelho de Matheus para fortalecer a esperança do líder do movimento. Observamos, nessa sequência, o deslocamento no uso do discurso religioso que deixa de ser utilizado para legitimar uma opressão e passa a ser uma ferramenta de resistência.

3.3 SIMILITUDES COM O DISCURSO BÍBLICO

Posteriormente ao encarceramento de King e Abernathy, o filme nos apresenta o pronunciamento do líder do movimento, em Montgomery, Alabama, em 25 de março de 1965, após a marcha que teve início em Selma, do qual nos interessa analisar a materialidade fílmica, além de sua própria fala.

A primeira observação que temos consiste em um recurso usado desde o princípio do filme: a sobreposição da fala a uma cena diferente do local em que a mesma está ocorrendo. Esse recurso é utilizado pela primeira vez na cena inicial do filme, que é acompanhado por uma sequência cuja iluminação é reduzida e o cenário é uma igreja, na qual crianças dialogam sobre seus batismos, que representa a morte do velho homem dominado pelo pecado e separado de Deus para uma nova vida que é recebida por meio da morte de Jesus Cristo. No decorrer da cena, o som de uma explosão é escutado juntamente com o pronunciamento de Martin Luther King, que lamenta a morte das quatro meninas após o atentado da Ku Klux Klan contra uma igreja. Em seguida, os corpos das crianças são lançados no ar e pairam entre os destroços da explosão, gerando no expectador o choque e a indignação com a sequência, uma vez que se trata de crianças e que as mesmas interagem sobre um tema aquém da política.

Desta vez, o que temos é o pronunciamento sobreposto às cenas originais da marcha de Selma seguidas por imagens do filme, compostas juntamente com os efeitos sonoros de aplausos e uma composição instrumental que se aproxima do som triunfal. Mesmo as imagens originais sendo gravadas em preto e branco, elas possuem uma iluminação mais intensa que permite identificar os sujeitos, produzindo um sentido de êxtase pela conquista e de esperança.

O que temos na cena filmica é a câmera em plano aberto, revelando os líderes do movimento em primeiro plano e seguidos por uma multidão. Diferente da sequência que se passa na prisão, temos nessas cenas sujeitos comuns com as feições bem delimitadas que nos permite identificá-los: eles não são mais uma sombra ignorada, que só possuía força mediante o movimento negro, eles passam a ser o próprio movimento, a força que ele tem vem de uma comunidade que luta por igualdade.



O discurso proferido por King que acompanha essas cenas é uma versão sintetizada do discurso original, por essa razão recorreremos ao original quando necessário para observar os deslocamentos discursivos. Ele se inicia com uma breve apresentação dos acontecimentos até aquele momento, com um olhar sobre a história do movimento negro que se iniciou na cidade de Montgomery, além de abordar questões voltadas para a desigualdade social e a segregação e reafirmar o lugar do negro como pertencente à nação americana. Entretanto, o que mais se enfatiza no discurso é o fato de que nenhuma demonstração de racismo será capaz de pará-los.

O primeiro deslocamento discursivo explícito que constatamos no discurso de King não está expresso no filme, mas acontece quando ele afirma que nada há de errado na marcha, uma vez que Josué marchou em volta da cidade de Jericó, até que o obstáculo

à liberdade fosse ao chão. É importante observar que mais uma vez se entrelaçam no filme discurso político e discurso cristão. Entretanto, aqui, este último não é deslocado com o sentido de opressão a um grupo, mas se apresenta como parâmetro no qual determinado grupo se baseia para propor suas práticas, as quais estão além do ato de marcha, incluindo também a ideia da não violência.

Além deste, outro deslocamento que evidenciamos está na inserção da música *Mine eyes have seen the glory*¹⁷ no pronunciamento de King. Ela é utilizada como parte do pronunciamento para ressaltar que o tempo da justiça está se aproximando e finalmente o negros alcançarão a igualdade que tanto almejam, ainda que essa música fale da segunda vinda de Jesus, o Cristo, momento em que os homens serão julgados e aqueles que foram comprados pelo Seu sangue na cruz poderão se maravilhar com sua glória.

Realizadas essas análises, ratifica-se que o que se esperou evidenciar foram os deslocamentos discursivos realizados entre os discursos cristãos e políticos, bem como as memórias que nesse cenário são retomadas. Afinal, como no apresentou Gregolin: o “discurso é entendido como a língua em funcionamento, operada por sujeitos na sociedade e na História” (2011, p. 85).

¹⁷ *Vencendo vem Jesus!* – Tradução utilizada nos principais hinários cristãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido aos avanços alcançados pela Análise do Discurso enquanto método de interpretação, tornou-se possível a análise de diferentes materialidades compostas por textos de natureza sincrética presentes na atualidade. Desse modo, ela nos permitiu a análise das imagens móveis e dos diálogos e pronunciamentos presentes no filme *Selma*.

Ao utilizar a AD enquanto aporte teórico e metodológico, foi possível finalizar a nossa proposta de análise e chegarmos à conclusão de que os discursos não são fixos, tampouco são fixas as práticas e verdades construídas por eles, motivo pelo qual foi possível flagrar o deslocamento do discurso religioso, partindo de um lugar de opressão para um lugar de resistência. Foi possível observar, no *corpus* aqui proposto, como o discurso político foi marcado pela presença do discurso religioso para legitimar seus posicionamentos. Ao ser usado como resistência, o discurso religioso emerge tal qual se encontra na Bíblia e na canção cristã; de outro modo, quando utilizado para legitimar opressão, utiliza-se de um discurso sobre a Bíblia.

Em nossa análise, constatamos que os movimentos realizados pela materialidade do olhar da câmera são de suma importância na produção de sentido e possibilitam que as memórias venham à tona. Desse modo, constatamos que as memórias discursivas associadas a acontecimentos bíblicos emergiram, ao nos depararmos com as imagens móveis do filme, assim como no pronunciamento de Martin Luther King quando ele recupera a canção cristã *Mine eyes have seen the glory*.

Compreendemos que este trabalho está longe de esgotar todas as suas possibilidades de análise e, por essa razão, desejamos aprofundar as reflexões em torno do deslocamento discursivo e da emergência da memória, bem como encontramos abertos às possibilidades de análises que surjam no decorrer da pesquisa nos níveis posteriores da caminhada acadêmica.

REFERENCIAS

AMARAL, S., PINHO, L. e NASCIMENTO, G. **Os anos 60 e o movimento negro Norte-Americano:** Uma década de elevação de consciência, eclosão de sentimentos e mobilização social. *InterSciencePlace, Revista Científica Internacional*, v.9, n. 30, julho, 2014. Disponível em:

<<http://www.interscienceplace.org/isp/index.php/isp/article/view/298>> Acesso em: 16 abril 2018

BASTOS, B., VERAS, G., & CAVALCANTI, I. (2015). **50 anos da marcha de Selma a Montgomery:** A conquista do direito ao voto. *GTRacismo*, 8. Disponível em: <http://www.mppe.mp.br/mppe/files/GT-Racismo/Informativo_GT-Racismo_n_34.pdf> Acesso em: 11 abril 2018

BRAGA, Amanda. **Análise do Discurso:** novos olhares. *Eutomia, Recife*, v.1, n. 09, julho, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/956>>. Acesso em: 16 abril 2018

_____. **Retratos em preto e branco:** discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p.239. 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo:** pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luizmara; SARGENTINI, Vanice (Org.) **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. p.145-162

FALLON, Claire. **Ava DuVernay diz estar arrependida de abrir mão do crédito pelo roteiro de ‘Selma’.** *The Huffington Post*, 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/10/ava-duvernay-diz-estar-arrependida-de-abrir-mao-do-credito-pelo-roteiro-de-selma_a_23238869/> Acesso em: 16 abril 2018.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil.** *Espaços de Circulação da linguagem*. n. 27. p. 39-48. Dezembro 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/648/showToc>> Acesso: 24 junho 2018

FRANKLIN, Jonh e MOSS, Alfred. **Da escravidão à liberdade:** A história do negro americano. 6 ed. Rio de Janeiro: Nordica,1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice, NAVARRO, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz; 2004b. pp. 23-44.

GREGOLIN, Maria do Rosária. Análise do Discurso e Semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luizmara;

SARGENTINI, Vanice (Org.) *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011. P. 87-105

MAZZOLA, Renan Belmonte. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, p. 135. 2010

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. São Carlos: Claraluz, 2011.

_____. **Materialidades da Imagem no Cinema: discurso filmico, sujeito e corpo em *A Dama de Ferro***. *Movendo Ideias*, v.17, n. 02, julho a dezembro de 2012.

NASCIMENTO, Lucas. **Especificidade de uma disciplina de interpretação (a análise do discurso no Brasil): alguns apontamentos**. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 569-596, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/flp/article/download/97401/111831>> Acesso em: 24 junho 2018

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. 11. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PACHECO, Josephine. **O problema do racismo nos estados unidos**. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1983.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso**. In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1969, p.61-161

PORTAL G1. **Ava Duvernay é a 1ª diretora negra a ser indicada ao Globo de Ouro**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/12/diretora-de-selma-e-1-mulher-negra-ser-indicada-ao-globo-de-ouro.html>> Acesso em: 16 abril 2018.

SARGENTI, Vanice. **Contribuições da Semiologia histórica à Análise do Discurso**. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; _____. (Org.) *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011.p 107-126.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.